



Divisionismo e eleitoralismo são obstáculos para alcançar as reivindicações da classe

Na última terça-feira, 26/03, todo o funcionalismo público municipal de São Paulo sofreu o duro golpe da aprovação do PL 155. O governo de Ricardo Nunes tratou de unir por baixo todo o funcionalismo, através do risível reajuste de 2,16%, metade dos índices de inflação do último ano, e irá seguir sem obstáculos, aprofundando os processos de privatização e terceirização nos serviços públicos, precarizando condições de trabalho, agudizando o arrocho salarial e, em suma, sucateando os serviços oferecidos à classe trabalhadora da cidade.

O pano de fundo para esse ataque foi a divisão fratricida do funcionalismo entre trabalhadores da educação x restante do funcionalismo, encampado pelas direções da COEDUC, os sindicatos específicos da educação (SINPEEM, SINESP e SEDIN). O resultado foram duas greves simultâneas e quase que concorrentes, dando palco a um vergonhoso show de horrores poucas vezes visto, que eram os ataques virulentos feito pelas direções do COEDUC, em pleno caminhão de som durante as assembleias, em especial por Claudio Fonseca, não só às direções do funcionalismo, mas a todo o funcionalismo municipal. A justificativa das burocracias para esses violentos ataques foi a adesão das demais entidades sindicais do funcionalismo, representadas pelo Fórum de Entidades, ao regime de remuneração por subsídio anos atrás, isso para as direções da COEDUC foi motivo suficiente para rifar a luta unificada, e atacar os demais trabalhadores do funcionalismo público. A primeira consequência maléfica dessa política divisionista foi o ataque ao direito de greve dos trabalhadores da saúde, por meio de uma decisão judicial a pedido do prefeito. É preciso responsabilizar as direções divisionistas por esse ataque ao movimento grevista! O divisionismo, além de não fortalecer o movimento pelas reivindicações, fragiliza a luta das categorias mais precarizadas, é um retrocesso ao princípio da solidariedade de classe.

Desde o início da greve da educação, no dia 08 de Março, a Unidade Independente Classista e Combativa (UICC) defendeu uma política de unidade, a partir de um plano de reivindicações unitário. Em nossos textos e panfletos distribuídos nos atos e nas redes sociais, defendemos a necessidade da greve e que, para construí-la, era necessário fortalecer os comandos regionais unificados, com visitas massivas às escolas e demais unidades do serviço público, atos em cada região e manifestações que bloqueassem grandes vias, como a avenida Paulista, a rua da Consolação e a avenida 23 de Maio, dando visibilidade ao movimento e transformando a paralisação do atendimento em uma greve ativa, com o emprego dos métodos da ação direta. As direções tomaram o caminho contrário, não

organizaram os comandos de greve, e convocaram os trabalhadores para passar horas a fio em vigília em frente à Câmara Municipal, desmobilizando as ações de base nos locais de trabalho para ficarmos imóveis em frente ao parlamento. Quando houve deslocamento, foram distâncias ínfimas, e que não tomaram nenhuma via importante de circulação, quase se desculpando por estarmos ocupando o lugar dos carros, a exemplo da caminhada por 700 metros da SME até o Tribunal de Contas do município, no ato do dia 25/03.

De fato, a greve não se encerrou no dia 26, tendo sido agendada uma assembleia para o dia 28, deixando pouco ou quase nenhuma margem de tempo para a base se reorganizar e levantar novamente as discussões nos locais de trabalho. Diante de todo esse cenário o que foi evidenciado é uma política deliberada das direções burocratizadas dos sindicatos e também dos grupos da Oposição Unificada, que não apresentou nenhum encaminhamento diferente da burocracia, de desacreditar a greve e a ação direta, como instrumentos de luta independente da classe trabalhadora, e canalizar as reivindicações de classe para o parlamento burguês.

Basta uma breve análise das falas de todos que foram permitidos subir no caminhão, quase TODOS fizeram referência às eleições em outubro e/ou apelaram a candidatos como Boulos a apoarem a greve, enquanto outros fizeram críticas abstratas à burocracia, sem defender nenhum encaminhamento concreto para tirar a greve da passividade imposta pelas direções. Isso também se torna ainda mais evidente quando as representantes da UICC se inscreveram para defender nossas propostas no caminhão, e foram sumariamente ignoradas e impedidas de acessar o microfone. A censura e manipulação são visíveis e amplamente conhecidas pela base e pelos ativistas de oposição a direção que já passaram por isso. Portanto, o silêncio dessas oposição ao presenciar a censura que nos foi imposta durante os atos se transforma em CUMPLICIDADE. Aqueles que enchem o peito para se proclamar “diretores” de oposição, não fazem denúncia dos métodos e das censuras praticadas pelos burocratas, são mais do que coniventes, estão adaptados e têm acordo com esses métodos e políticas, também querem canalizar a luta para as eleições, e por isso não denunciam o silenciamento às vozes dissonantes. Para reformistas e centristas que se proclamam diretores de oposição, o limite da solidariedade de classe é o aparatismo sindical, que se transformará num trampolim eleitoral.

A UICC segue em greve junto aos trabalhadores da educação, seguiremos firmes com os princípios que nos unificaram, de uma política de fato classista e independente, lutando pela recuperação dos sindicatos dessa camarilha que se encastelou em nosso instrumento de luta, combatendo as políticas traidoras desses burocratas, e também dos centristas e reformistas que usam o sindicato como trampolim eleitoral. É preciso que a categoria retire lições dessa derrota que nos foi imposta pelas direções, como não confiar e atrelar nossa luta à disputa parlamentar/eleitoral. Devemos recuperar e fortalecer a construção pela base em nossos locais de trabalho, fortalecendo e reforçando a importância da independência de classe. Nossa história de luta e de vitórias está intrinsecamente ligada à nossa organização como classe e a utilização de nossos métodos próprios de luta.

TODA FORÇA À GREVE DOS TRABALHADORES DA EDUCAÇÃO!

UNIDADE INDEPENDENTE, CLASSISTA E COMBATIVA



INDEPENDENTES